

BLOCO DE NOTAS

D'IMP RO VISO

**SONS
DA
LUSOFONIA**



ÍNDICE

06 **SOBRE O D'IMPROVISO**
EQUIPA DA ASL,
COORDENAÇÃO DE CRISTIANA MORAIS

12 **OS RITMOS DA CIDADE INVISÍVEL:**
A IMPROVISAÇÃO COMO UMA
MELODIA PARA A TRANSFORMAÇÃO
POR JÚLIA TAVARES

19 **ENTRE SONHOS E REALIDADE:**
A VIAGEM TRANSFORMADORA
E D'IMPROVISO
POR LUANA BISTANE

36 **TEXTO DE ENCERRAMENTO**
POR SONS DA LUSOFONIA

42 **FICHA TÉCNICA**
D'IMPROVISO

SOBRE O D'IMPROVISO

EQUIPA DA ASL, COORDENAÇÃO DE CRISTIANA MORAIS

O D'Improviso é um projecto da Associação Sons da Lusofonia focado em criar ferramentas inovadoras para os jovens de forma a combater a exclusão social e artística, realizado entre 2021 e 2023. Trabalhámos a Improvisação (como é estudada na música, mas não só) como ferramenta para arriscar uma nova atitude e novas ações perante a comunidade e os desafios que nos são colocados num mundo tão desigual. Perante os problemas que se encontram nos mais diversos ambientes familiares, escolares e urbanos das grandes cidades, o projecto D'Improviso pretendeu levar aos diversos bairros um formato experimental e inovador, como um laboratório sociocultural, que, explorando a experiência da música improvisada, contribuiu para a construção de uma cidadania ativa e criativa através de programas artísticos.

Para combater a exclusão artística e social e a pobreza imaterial, quisemos construir conexões, a partir dos paradoxos da improvisação no Jazz por nós já trabalhados ao longo dos anos, que exigem generosidade e coragem de todas as partes. Criámos grupos, apostando na liberdade individual, que mostraram como é possível através da cultura, com vários saberes dentro, oferecer à comunidade novos caminhos e novas práticas exaltando a democracia e a justiça social usando a criatividade.

Este projecto, ajudou, apesar de quase 2 anos de pandemia, a compensar as privações agudas no ambiente familiar e social, nomeadamente através de acesso a recursos pedagógicos e performativos, e serviu como estímulo para o acesso às artes num meio altamente vertiginoso que desmotiva as pessoas e comunidades carenciadas. Por isso, direccionámos este projecto para pessoas a partir dos 12 anos, que têm já a capacidade de arriscar, essencial para um projecto assente na improvisação e na independência. As ações de formação pluridisciplinar, sendo concebidas como espaços de partilha e de conversas, com vertente prática/teórica, colocaram a tónica na criação e no cruzamento das várias áreas artísticas e visaram partilhar métodos, técnicas discursivas e instrumentais juntamente com materiais de várias linguagens contribuindo para o enriquecimento pessoal e coletivo potenciando as formas de expressão.

Na era da hiperconectividade estamos a perder o espaço de convergência autêntica e de trocas de experiências que são uma excelente ferramenta para praticar a empatia e fortalecer a integração. Improvisar, desde a conversa à música, é reacender uma ligação orgânica que é a base do universo e por isso da Humanidade. Atualmente muitos jovens em Lisboa não têm acesso a estes processos e começam a partir dos 12/13 anos a experimentar, com

exceções, uma conectividade estéril de conhecimento, de solidariedade e de consciência coletiva porque são empurrados para um mundo de exclusão. É importante ainda recolocar a tónica na inovação englobando a reflexão, a análise, a imaginação e a relação entre tudo e todos. Aí reside, no nosso entender, o núcleo da sociedade contemporânea. É fundamental despertar a consciência da criação artística, do espírito crítico e interventivo, sendo crítico e generoso consigo mesmo, com os outros e com o Mundo.

Depois desta fecunda experiência fica a pergunta: Como podemos fortalecer as comunidades? A cidadania é a única solução para esbater as crescentes barreiras entre alta e baixa Cultura criando condições para maior equidade no acesso à Cultura e à Educação. Por outro lado, as questões da Cultura e as questões Sociais estão tão longe de se articular que acabam por usar recursos repetidamente que infelizmente não temos em abundância. É necessário que as artes performativas e as visuais, por exemplo, abram caminho para uma colaboração entre as duas áreas. Esta visão articulada pode ajudar, como nenhuma outra solução a médio prazo, a cidade de Lisboa a aumentar os índices de integração, de modernidade educativa e tecnológica, de integração social, de acesso à cultura e ajudar a fomentar as várias equidades através de ações em que as ecologias estão

ligadas pelos vetores sociais e culturais. Por isso propusemos usar as práticas e metodologias da improvisação para mudar a nossa forma de fazer sociedade. Não se aprende a tocar um instrumento sem instrumento. E se a população não tem instrumentos para a mudança, dificilmente teremos uma rede de esperança na igualdade. Quisemos experimentar outras formas de relacionamento social e pessoal improvisando em conjunto sem medo, porque a falha é uma oportunidade de mudança, como no Jazz. A mensagem está a circular e por isso iremos tentar novas formas de financiamento para que este programa, que tem tanto potencial, faça o seu percurso e não pare porque o financiamento da CCRR-LVT acabou em 2023.

A área de intervenção deste projecto foram os territórios EDL. Este programa assumiu-se como catalisador de redes territoriais de governança potenciando o capital sociocultural nas zonas selecionadas onde terá uma intervenção direta, contribuindo para ampliar as oportunidades disponíveis para toda a comunidade. Continua a haver em Lisboa uma grande pobreza material e imaterial. Se ao nível da pobreza material tem sido feito um esforço no sentido de a combater, há uma lacuna na educação pela arte dentro da cidade. Embora existam bons projectos, estes são reduzidos e não cruzam profissionais com amadores nem a baixa e alta cultura.

A ASL trabalhou neste programa com várias entidades lisboetas no eixo central em Arroios através do Lisboa Mistura (LM) e da Oficina Portátil de Artes; no eixo oriental em Marvila e Chelas com a OPA; no eixo ocidental e zona histórica com a Festa do Jazz, LM e o programa Modo Portátil; no eixo norte incluindo a Alta de Lisboa onde desde 2019 se realiza o LM. Este projecto realizou-se com os parceiros angariados ao longo de anos e destinou-se a jovens a partir dos 12 anos sem acesso a ferramentas para aprender a usar a criatividade e a improvisação para se integrarem nas várias valências das suas vidas. A seleção dos participantes foi feita com essas âncoras complementando uma divulgação regional e através da criação de eventos promocionais nos bairros que se deslocam para angariar jovens das instituições parceiras e outros jovens com vocação. A ASL promoveu ateliers, ensaios abertos, espetáculos e encontros e nestes eventos, mesmo que gratuitos, houve uma identificação muitas vezes informal da origem dos públicos quando realizámos sessões de sensibilização, promoção e divulgação dos eventos nos territórios identificados.

O objetivo deste projecto foi, como dissemos antes, dar ferramentas aos jovens para combater a exclusão artística e social e a pobreza imaterial criando um modelo experimental que consiste na instalação nos bairros de um laboratório social a partir dos paradoxos da improvisação no Jazz.

Foi realizado para adultos e jovens a partir dos 12/13 anos que queremos implementar e direcionar este projecto. Estes jovens têm já a capacidade de arriscar, essencial para um projecto

assente na improvisação. Falta-lhes conhecer as tradições e ter ferramentas para mudar o ambiente à sua volta. Este projecto, acreditamos, ajudou nas privações agudas dos materiais de aprendizagem, e foi um estímulo num meio de desigualdades criadas pela incomunicação familiar e social, abrindo as várias dimensões pessoais e coletivas para uma cidadania ativa, inclusiva e criativa.

Numa primeira fase quisermos seguir o modelo de “estúdio criativo”, a antecâmara da produção artística desde a sua fase inicial que é a de pensar sobre a própria criação em conjunto, mas claro que numa situação de pandemia todo este trabalho preparatório foi sucessivamente adiado devido à impossibilidade de trabalhar presencialmente, ou seja, de fazer arte em conjunto. As ações de formação pluridisciplinar, com vertente prática/teórica, que colocam a tónica na criação e no cruzamento das várias áreas artísticas e visa partilhar métodos, técnicas discursivas e matérias de várias linguagens contribuindo para o enriquecimento da cultura e das suas formas de expressão e que devem ser concebidas como espaços de partilha e de conversas presenciais, foram quase impossíveis de realizar nos dois primeiros anos do programa.

Na era da hiperconectividade esta situação pandémica tirou-nos o espaço de conversa autêntica, uma excelente ferramenta para praticar a empatia e fortalecer a integração. Ninguém deve ir ensinar, mas todos devem ir aprender. Improvisar, desde a conversa à música, é reacender uma ligação orgânica que é a base do universo. Os jovens dos bairros identificados não têm acesso

a estes processos e começam a partir dos 12/13 anos a experimentar, com exceções, uma conectividade estéril de conhecimento e solidariedade. Era importante recolocar a tónica na inovação englobando a reflexão, a análise, a imaginação e a relação entre tudo e todos. Aí reside, no nosso entender, o núcleo da sociedade contemporânea. Era fundamental despertar a consciência da criação artística, do espírito crítico e interventivo de qualquer indivíduo dando instrumentos aos profissionais, não-profissionais e público para encontrarem por si próprios a maneira de inscreverem a sua voz e a sua ação no mundo à sua volta. Por isso os núcleos familiares e de amigos são tão importantes neste projecto que pretende despertar novos públicos. Em idades em que a confrontação com o mundo é difícil de gerir, é necessário ter quem cuide sugerindo caminhos que evitem o insucesso escolar e profissional ou o abandono de uma vida criativa. É necessário improvisar sem medo, mas o medo do COVID 19 esteve presente antes e depois da pandemia. Mesmo assim, soubemos contornar nos últimos 18 meses de duração do projecto este medo e foi nessa altura que demos conta do tempo perdido. Ficamos mesmo assim com a sensação de ter dado toda a nossa dedicação e talento ao projecto que como se disse repetidamente precisa de tempo da sua originalidade e o arrojo dos seus princípios fundadores.

Um dos maiores desafios das cidades e instituições é a agilidade e inovação. O outro é o trabalho em rede. Um princípio da agilidade diz, como na improvisação, que é necessário mudar os ambientes e só depois os comportamentos: a criação e inovação

fazem-se em função do que se vive. A improvisação no Jazz assenta no seu estudo metodológico enquanto pilar da agilidade e da criatividade. Apela à exaltação da diferença e à metamorfose do lapso em matéria inovadora. No Jazz vê-se o erro como uma estrutura capaz de parar a normalidade: no lugar da interrupção há uma oportunidade, um potencial por encontrar. A improvisação pode ser um laboratório para a investigação colaborativa da convergência entre arte e cidadania, teoria e prática, ética e estética. A capacidade de improvisar é crucial numa sociedade em mudança permanente. A inovação é inerente a este modelo que dentro de regras partilhadas permite a liberdade criativa para fazer juntos e não contra outros.

Para usar a improvisação grupal na criatividade social será necessário apreender com a improvisação jazzística as capacidades desta se inspirar no risco e na transformação. A improvisação no Jazz assenta em vários paradoxos, geradores criativos grupais: o músico de Jazz é um ser ativo e passivo, focado e desfocado, entre a ordem e o caos, entre a segurança e o risco, confronta para estar de acordo, criando um ambiente mais aberto e avançado do que aqueles sem improvisação. Aceitar a liderança partilhada, desenvolver a sua personalidade sendo um suporte criativo para o outro “soar” melhor, não ter medo da exposição e do desafio são também outros atributos da improvisação jazzística. A tradição oral, base do Jazz, é o fiel repositório dos mistérios humanos que nos permitem a liberdade de olhar para o passado e futuro no mesmo esgar. O contributo deste projecto é mostrar que é possível transpor a sistematização e ensino da

improvisação para a organização social. A improvisação coletiva requer uma mistura de confiança e de coragem para correr riscos. A improvisação coletiva, como a que poderíamos imaginar para despoletar agilidade e criatividade nos bairros de Lisboa, requer contrapor àquilo que é objetivo, mensurável, racional e ordenado o que

pode ser subjetivo, qualitativo, emotivo e desordenado onde florescem as práticas improvisacionais. Foram estes os níveis de inovação que quisemos integrar no pensamento e execução deste projecto para que possamos contribuir para outra forma de fazer comunidade e mundo.

D' IMPROVISO EM NÚMEROS

De forma sucinta partilhamos os dados numéricos recolhidos ao longo de todo o projeto, conscientes que os impasses dos primeiros anos prejudicaram o seu crescimento exponencial como esperado.

FOI CRIADA UMA ORQUESTRA DE PERCUSSÃO E SOPROS (OPS) POR ONDE PASSARAM 140 ALUNOS, ESSENCIALMENTE ENTRE 2022 E 2023, QUE REALIZARAM 136 ENSAIOS DE FORMA REGULAR, SOMANDO UM TOTAL DE 950 PARTICIPAÇÕES E DE 340 HORAS DE ENSAIO. FORAM REALIZADOS 23 EVENTOS PÚBLICOS, SEJA A CONVITE DE PARCEIROS E EVENTOS PARA ACTUAÇÕES DA ORQUESTRA, SEJA DE DEMONSTRAÇÕES MUSICAIS INCENTIVANTES À JUNÇÃO DE NOVOS ALUNOS AO PROJETO

E DE SENSIBILIZAÇÃO DAS COMUNIDADES LOCAIS. NESTES EVENTOS REGISTRARAM-SE 284 PARTICIPAÇÕES DE ALUNOS DA OPS E UMA ESTIMATIVA DE AUDIÊNCIA DE 690 PESSOAS.

A realização de vários eventos permitiu que os alunos da OPS pisassem vários palcos da cidade, como o Lisboa Mistura, a ComunicAlta, Arraial Renovar a Mouraria ou o Bairro em Festa, entre muitos outros locais de Lisboa.

De forma a complementar o conhecimento, foi feito um esforço por parte das equipas em ajustar os materiais de formação a cada grupo de alunos. Muito diferentes entre si, com uma riqueza cultural e social muito própria, procurámos adaptar os conteúdos de formação aos seus interesses e aproveitar as suas valências para, em cocriação, enriquecer o projeto.

No que toca à formação de Hip Hop e produção musical, houve um interesse muito forte essencialmente por parte dos adolescentes, e foram realizadas 16 sessões de formação divididas entre beatmaking e trabalho em estúdio profissional, permitindo aos alunos um contacto com o mundo profissional da música, aprendendo em contexto. Também na vertente de formação em “cidadania pela arte”, foram realizados quatro Encontros, um em cada bairro, onde se juntaram os alunos e personalidades de relevo de vários contextos - produção artística, mediação cultural, música, escrita criativa, performance, entre outros.

CULMINANDO NO FESTIVAL PONTOS DE CULTURA, ONDE OS VÁRIOS GRUPOS FIZERAM UMA PERFORMANCE, ESTES ENCONTROS CONTARAM COM 104 PARTICIPAÇÕES, ABRANGENDO UMA AUDIÊNCIA ESTIMADA DE 200 PESSOAS. COMPLEMENTARMENTE, FORAM REALIZADOS 5 WORKSHOPS DE FORMAÇÃO EM JAZZ E IMPROVISAÇÃO PELA PERCUSSÃO EM VÁRIOS LOCAIS, CONTANDO COM 128 PARTICIPAÇÕES TOTAIS.

A comunicação e divulgação do projeto obrigou a utilização de métodos em várias frentes, dada a dimensão e complexidade da atividade. Por um lado, a divulgação online permitiu abranger um número de pessoas muito mais alargado, uma vez que se optou pela divulgação multidirecional em várias plataformas - email, newsletter, WhatsApp e

redes sociais (Instagram, Facebook, LinkedIn), contabilizando um alcance de 4792 pessoas. Aqui, procurou-se adaptar a linguagem aos públicos correspondentes de forma que melhor conhecessem o projeto e se integrassem nele, seja de forma ativa na Orquestra de Percussão e Sopros, seja como audiência em eventos. Para este efeito foram realizadas no total 116 publicações online e a produção de 97 materiais promocionais a utilizar junto das comunidades online e offline. Não descartando uma parte essencial no crescimento e fortalecimento de comunidades, a divulgação direta no terreno junto de alunos, famílias, parceiros, potenciais parceiros e comércio locais de forma que o projeto fosse abraçado de forma concertada em cada local.

COMO TODO O PROJECTO NECESSITA DO SUPORTE CONSTANTE E CONSERTADO ENTRE A EQUIPA NUCLEAR DA ASL, ENTRE 16 PARCEIROS, 8 VOLUNTÁRIOS, 140 ALUNOS, COLABORADORES E AS COMUNIDADES DE CADA BAIRRO, FORAM REALIZADAS 256 REUNIÕES QUE SOMARAM 1030 PARTICIPAÇÕES AO LONGO DOS TRÊS ANOS DE PROJECTO, CORRESPONDENDO A 465 HORAS DE TRABALHO.

Sem a entajada dos vários envolvidos, unindo forças e know-how em prol do desenvolvimento do projeto, não seria possível um crescimento tão rápido no último ano de projecto com um impacto tão positivo.

OS RITMOS DA CIDADE INVISÍVEL: A IMPROVISACÃO COMO UMA MELODIA PARA A TRANSFORMAÇÃO

POR JÚLIA M. TAVARES

O 'D'IMPROVISO' TRANSFORMA AS PERIFERIAS DE LISBOA NUMA SINFONIA DE MUDANÇA E ESPERANÇA. COM A FUSÃO DA MÚSICA E JUSTIÇA SOCIAL, ESTE PROJECTO EMPODERA OS JOVENS E INFUNDE NOVA VIDA NAS COMUNIDADES. AO ELEVAR A IMPROVISACÃO A UM ATO DE REBELDIA CRIATIVA, DESAFIA AS NORMAS E CATALISA UMA ONDA DE TRANSFORMAÇÃO POSITIVA E DURADOURA NA CIDADE.



© Guilherme Costa/Gerador

O improviso é a arte de criar espontaneamente, uma habilidade que se manifesta na capacidade de responder ao inesperado com criatividade e presença de espírito. É a poesia que nasce no momento, o discurso que se forma no agora, a música que emerge de um diálogo silencioso entre os músicos. Na improvisação, não há roteiro pré-definido; há apenas uma conversa espontânea dos instrumentos, e a criação de uma linguagem singular e efémera.

O coração da improvisação está na liberdade de expressão que encoraja a experimentação, a aceitação da incerteza e a expressão direta de pensamentos e sentimentos. Improvisar significa viver o presente, estar atento e receptivo às surpresas inesperadas. É um discurso que assume um valor peculiar num mundo que tende a valorizar a previsibilidade, o controlo e a obediência cega às regras, sem espaço para questionamento. Que nos recorda da beleza e do poder do presente, do encanto que nasce ao nos libertarmos das nossas restrições e entregarmos-nos ao momento.

No fundo, a improvisação é uma ferramenta para a vida quotidiana e desempenha um papel essencial na construção comunitária, ao promover a flexibilidade, a adaptabilidade e a colaboração. E desse contexto comunitário, surgem espaços onde as pessoas se conectam e interagem de formas que superam as estruturas convencionais, estimulando a criatividade coletiva e a partilha de ideias, formando a base para comunidades mais fortes.



© Captação: Pedro Oliveira
Edição: Susana Correia/Gerador

«
**NO FUNDO, A
IMPROVISAÇÃO É UMA
FERRAMENTA PARA
A VIDA QUOTIDIANA
E DESEMPENHA UM
PAPEL ESSENCIAL
NA CONSTRUÇÃO
COMUNITÁRIA,
AO PROMOVER A
FLEXIBILIDADE, A
ADAPTABILIDADE E A
COLABORAÇÃO**
»

Esta foi a premissa do projeto comunitário D'Improviso, uma iniciativa da Associação Sons da Lusofonia, destinada a jovens a partir dos 12 anos, que teve o seu início em 2020. O projeto compromete-se a combater a exclusão social e artística, utilizando a improvisação como uma prática artística e uma ferramenta para fomentar novas atitudes e ações diante dos desafios impostos por um mundo cada vez mais desigual. Intervém em diferentes ambientes – sejam eles familiares, escolares ou urbanos – das grandes cidades. Para celebrar os três anos deste projeto, os Encontros D'Improviso, realizados em parceria com o Gerador, aconteceram ao longo do mês de Outubro deste ano, em diferentes zonas da cidade de Lisboa (Alta de Lisboa, Bairro do Rego, Intendente e Marvila) e que culminou no Festival Pontos de Cultura. Reuniram-se várias pessoas e diversos grupos, que levaram consigo as suas experiências únicas e criaram um mosaico de sons, ritmos e histórias, refletindo a diversidade e a energia da capital portuguesa.

As quatro sessões destes encontros contaram com várias atividades: conversas espontâneas e trocas de ideias dinamizadas por Luana Bistane, fundadora da LadoBe Creative Agency; sessões de musicoterapia – sugestões de playlists em função do estado de espírito de cada “paciente” - que contaram com a participação de várias personalidades, como o produtor musical Riot, do antigo grupo Buraka Som Sistema, o rapper Sam the Kid, a DJ Sandra Baldé, mais conhecida como Uma Africana, e o rapper Lavvy; bem como conversas de improviso, com vários convidados, moderadas pela jornalista do Gerador, Mariana Moniz.

A cidade de Lisboa, assim como qualquer comunidade, pulsa com os seus próprios ritmos, moldados pelas interações e experiências dos seus habitantes – o palco ideal para um brainstorming e troca de ideias sobre como construir uma cidade melhor. Discutia-se a possibilidade de um futuro mais inclusivo e aprendiam-se os primeiros passos para transformar comunidades. Os participantes, impulsionados pelo espírito do 'D'Improviso', partilhavam as suas visões e perspetivas sobre como alcançar essa utopia. Eram momentos de liberdade criativa, onde as ideias fluíam livremente, refletindo a diversidade de pensamentos e experiências dos presentes. Esta dinâmica de grupo revelou-se uma boa ferramenta para estimular o pensamento crítico e a imaginação, essenciais para vislumbrar novos caminhos para o desenvolvimento comunitário e urbano.

Foram momentos em que se pôs em prática os princípios da improvisação do jazz – a presença, a coragem de arriscar e a liderança colaborativa – em que as conversas, desdobrando-se em múltiplas direções, abordavam temas como inclusão social, acesso à cultura e educação, desenhando um panorama de possibilidades para uma Lisboa mais acolhedora. Era notável como, a partir destas trocas, formava-se uma consciência coletiva sobre os desafios e potencialidades da cidade. A cada sessão, consolidava-se a ideia de que cada indivíduo, com a sua voz e experiência, contribuía para a construção de uma presença mais ativa numa sociedade onde não existe espaço para errar e questionar.



© Captação: Pedro Oliveira
Edição: Susana Correia/Gerador

No terceiro dia dos 'Encontros D'Improviso', uma preocupação emergiu entre os adolescentes: a falta de diálogo e participação nas escolas. E este tópico fez-me pensar numa questão crucial que me atormenta há vários anos: estamos efetivamente a preparar os jovens para um papel ativo e significativo na nossa sociedade? Onde muitos, especialmente das periferias - tanto geográficas, quanto sociais - relatam uma experiência escolar marcada por rigidez e falta de diálogo, sugerindo uma educação mais focada em criar agentes passivos do que cidadãos interessados e críticos.

«
A IMPROVISAZÃO REVELA-SE ENTÃO COMO UMA METÁFORA PUNGENTE PARA A VIDA DOS JOVENS NAS PERIFERIAS DE LISBOA, OFERECENDO UM CAMINHO PARA NAVEGAR PELOS DESAFIOS INESPERADOS COM DESTREZA E CRIATIVIDADE
»

Esta situação nas escolas é reflexo de uma realidade mais ampla vivida pelos jovens nas periferias de Lisboa, que enfrentam um isolamento social que vai para além do ambiente escolar, com acesso limitado a oportunidades culturais e artísticas. Este isolamento não só os desconecta geograficamente, mas também os exclui das narrativas culturais e sociais da cidade. A desmotivação e o desinteresse que se verifica em alguns destes jovens em frequentar programas e atividades culturais locais são sintomas de um problema maior: a falta de investimentos contínuos e significativos na sua educação e no seu desenvolvimento pessoal e cultural.

A improvisação revela-se então como uma metáfora pungente para a vida dos jovens nas periferias de Lisboa, oferecendo um caminho para navegar pelos desafios inesperados com destreza e criatividade. Esta arte, praticada na tela da vida quotidiana - seja através da música, da pintura ou nas simples escolhas diárias - equipa estes jovens com várias habilidades. Adaptabilidade, agilidade mental e

a procura por soluções inovadoras tornam-se ferramentas indispensáveis, aplicáveis tanto no palco quanto nas complexidades da vida urbana, nas escolas e lares. E ao incuti-los a valorização de cada voz individual, fica evidente a necessidade da escuta ativa e respostas construtivas, pilares para o desenvolvimento de comunidades onde a diversidade é celebrada como uma força, impulsionando a interdependência e o respeito mútuo.

Para além disso, o improviso torna-se um veículo para articularem as suas emoções e experiências de uma forma que é ao mesmo tempo terapêutica e empoderadora, onde, através das variadas expressões artísticas, estes jovens têm a possibilidade de se autoafirmarem e descobrirem-se, ao reescreverem as suas narrativas, passando de espetadores a protagonistas das suas próprias realidades.

«
TORNOU-SE EVIDENTE A NECESSIDADE DE PROCURAR FORMAS DE EDUCAÇÃO QUE INCENTIVEM O QUESTIONAMENTO, A CRIATIVIDADE E A PARTICIPAÇÃO ATIVA
»



© Captação: Pedro Oliveira
Edição: Susana Correia/Gerador

Os 'Encontros D'Improviso' ofereceram um espaço vital para questionar e refletir sobre estas questões. Mostraram como a arte e a cultura podem ser catalisadoras para o diálogo e a mudança. Estas sessões iluminaram os desafios enfrentados por estes jovens e revelaram um potencial imenso para a transformação social, impulsionada pela energia, criatividade e a sua paixão pela arte. Tornou-se evidente a necessidade de procurar formas de educação que incentivem o questionamento, a criatividade e a participação ativa.

É, por isto mesmo, necessário preparar os jovens não apenas como estudantes, mas também como pessoas conscientes e agentes de mudança na sociedade. A minha experiência nesses encontros reforçou a convicção na importância de um papel mais ativo, tanto pessoal quanto coletivamente, na construção de um futuro justo e inclusivo, em que as vozes das comunidades são realmente ouvidas e tidas em conta nas decisões que afetam a sociedade.

Os jovens das periferias, alguns com visões limitadas pelas fronteiras invisíveis das suas realidades, precisam de projetos que rompam essas barreiras, trazendo-lhes novas perspectivas e oportunidades. É urgente cultivar um sentido de pertença e possibilidade nas periferias, e mostrar aos jovens que têm um papel crucial na construção comunitária. Iniciativas como o 'D'Improviso' são fundamentais, pois fornecem acesso à cultura e promovem a ideia de que os jovens são protagonistas valiosos na narrativa cultural e social. Estes projetos artísticos e sociais surgem à procura de transformar o bairro e alcançar o mundo. Desafiam uma sociedade que ainda luta para aceitar e integrar a sua população heterogênea, tornando-se verdadeiros laboratórios de pensamento e ação social.

O 'D'Improviso' não se foca apenas em objetivos imediatos; visa plantar sementes para um futuro em que os princípios da improvisação do jazz se tornem elementos fundamentais do nosso tecido social. Aspira, também, preparar pessoas de todas as idades para abraçar esse futuro, repleto de incertezas e possibilidades ilimitadas



© Captação: Pedro Oliveira
Edição: Susana Correia/Gerador

e reimaginar e reconstruir a forma como vivemos e interagimos em comunidade, utilizando a arte e a improvisação como veículos para essa transformação. Estes encontros foram uma celebração de um projeto e um reflexo vivo da comunidade lisboeta – um microcosmo de ideias, emoções e possibilidades.

ENTRE SONHOS E REALIDADE: A VIAGEM TRANSFORMADORA E D'IMPROVISO

POR LUANA BISTANE



© Guilherme Costa/Gerador

Em nossa era de interconexão e complexidades crescentes, a cultura emerge como uma força transformadora inestimável, atuando tanto no âmbito social, pessoal quanto no econômico. Mais do que um mero reflexo da sociedade, a cultura é um motor de mudança progressiva, um catalisador para o desenvolvimento e um espelho de nossas aspirações e desafios mais íntimos.

Este espelho cultural, vibrante e multifacetado, reflete as nuances, contradições e belezas inerentes à nossa sociedade. Por meio de manifestações como arte, música, literatura e outras expressões

culturais, somos convidados a observar e compreender as complexidades do nosso mundo. Este espelho não se limita a refletir; ele desafia, questiona e frequentemente revela verdades incômodas, estimulando a reflexão e o diálogo crítico.

Neste contexto, o projeto D'Improviso surge, com ações que desafiam a realidade pré-programada de inúmeros jovens lisboetas. Segundo a entidade gestora da iniciativa, estes jovens estão "presos" a sistemas normativos e restritivos que limitam o reconhecimento de suas potencialidades por meio de experiências artísticas concretas.



A cultura, nesse cenário, oferece um meio de contestar o status quo, dar voz aos marginalizados e promover justiça social. Movimentos culturais ao longo da história ilustram como a arte e a expressão podem catalisar discussões, aumentar a conscientização e impulsionar ações que resultam em transformações significativas no corpo social.

O PROJETO D'IMPROVISO UTILIZA O PODER DA CULTURA, SOBRETUDO DA MÚSICA, PARA MOLDAR, INSPIRAR E TRANSFORMAR JOVENS EM AGENTES DE MUDANÇA EM SUAS COMUNIDADES. A ASSOCIAÇÃO SONS DA LUSOFONIA, POR MEIO DESTA PROJETO, CAPTURA A ESSÊNCIA DA CULTURA COMO UM ESPELHO E UM MOTOR PARA O CRESCIMENTO E A INOVAÇÃO, DEMONSTRANDO COMO AS ARTES PODEM SER EMPREGADAS PARA CRIAR UM IMPACTO SOCIAL POSITIVO.

O culminar das ações do projeto em 2023 desenrolou-se como uma tapeçaria de histórias e aprendizados em espaços invisibilizados de Lisboa. Durante o mês de novembro, jovens de quatro bairros sociais da cidade, lugares de rica diversidade cultural e histórica, embarcaram numa viagem de autoconhecimento e criatividade, na busca pelo reconhecimento da potência de cada um dos indivíduos como agentes transformadores das suas realidades individuais e coletivas.

Foram quatro sábados recheados de atividades e dinâmicas que tinham como premissa inspirar, reconhecer, empatizar e partilhar sonhos e desejos de uma cidade mais inclusiva, diversa e possível de ser alcançada.

Nossa aventura começou na Alta de Lisboa com o lema “Descobrimo Nossas Raízes e Construindo Pontes”. A escolha do tema foi intencional. A Alta de Lisboa, bairro historicamente formado pela migração rural e pelos retornados das antigas colônias portuguesas, é marcado por um processo de estigmatização social e busca, ainda hoje, um espaço de fortalecimento e reconhecimento da sua, ou suas, possíveis identidades. O bairro, assim como o bairro do Rego, apresenta profundas assimetrias, com a vulnerabilidade social a confrontar-se com populações mais abastadas, que se distinguem apenas pela origem e pelas oportunidades de acesso, mas que em nada se cruzam ou estabelecem pontes de futuro.



© Pedro Oliveira/Gerador

«
AS RIMAS E MELODIAS QUE EMANAM DESSES ESTÚDIOS IMPROVISADOS SÃO MAIS DO QUE OBRAS DE ARTE
»

O espaço de acolhimento da atividade, a Associação de Residentes da Alta, já mostrava estampado nas paredes a realidade esquecida por muitos, mas presente naquelas paragens: o código postal em muitas circunstâncias demarca não só a sua origem mas também o seu futuro, e entre uma e a outra ponta da vida, quem não tem recursos fica invisível, estigmatizado e muitas vezes esquecido pelo poder público.

Em meio a um estúdio improvisado e uma inesperada sala de serigrafia, nos deparamos com as manchas nas pinturas, resquícios de inundações do esgoto que vez por outra fazem palco no lugar onde jovens do bairro - mas não só - ocupam e resistem a todas as possíveis formas de escassez artística que permeiam as suas realidades. Ainda assim, o contato mais próximo com a Alta de Lisboa também desvelou a beleza da força que une e constrói coisas belas.

Nesta parte vibrante da cidade, onde painéis de arte urbana contando histórias vividas, a música transcende sua forma artística para se tornar uma linguagem poderosa de expressão e empoderamento. Jovens talentos, como o cantor Estraca, encontraram na música um meio para vocalizar suas experiências pessoais e as realidades complexas de suas comunidades. As rimas e melodias que emanam desses estúdios improvisados são mais do que obras de arte; são desabaços, narrativas de vida que falam sobre os desafios diários, as aspirações e as complexidades de viver em bairros sociais.



O estúdio não só aprimora talentos musicais, mas também promove a coesão comunitária, fortalecendo a autoestima e a identidade cultural dos jovens. Ele desafia estereótipos e promove uma compreensão mais profunda destas realidades. Este espaço se tornou um farol de esperança, demonstrando que, com as oportunidades certas, jovens de origens desafiadoras podem florescer e alcançar sucesso. Este capítulo celebra a música não apenas como arte, mas como um veículo de transformação social e pessoal.

«
**COM AS
OPORTUNIDADES
CERTAS, JOVENS
DE ORIGENS
DESAFIADORAS
PODEM FLORESCEM E
ALCANÇAR SUCESSO**

»

Foi a partir destas fontes de inspiração que o público presente na atividade da Alta de Lisboa foi conduzido. Através da atividade “Contando Nossas Histórias/Caixa dos Afetos”, emergiu como uma ferramenta de conexão e entendimento. Inspirados pela vibrante miscelânea cultural do bairro, os participantes foram encorajados a compartilhar fragmentos de suas vidas, tecendo um mosaico de experiências que refletia a diversidade. Esta dinâmica não era apenas um exercício de narração, mas uma jornada de descoberta e empatia. Ao compartilhar suas histórias, sonhos e influências, os participantes aprenderam o valor inestimável do entendimento mútuo e da colaboração, elementos essenciais para fortalecer os laços comunitários.

© Guilherme Costa/Gerador





© Guilherme Costa/Gerador

A Alta de Lisboa, com sua história rica e complexa, proporcionou o cenário perfeito para essa troca. A união entre “Os Cinco Porquês” e o “Como Poderemos...” abriu um espaço para que, dentre as narrativas pessoais de cada um, desenvolvessem um senso de coletivo para encontrar soluções para que as ruas e praças do bairro, repletas de histórias não contadas, fossem destacados e cuidados pela comunidade.

No Bairro do Rego, situado em Lisboa, a iniciativa “Cultivar Ideias e Semear o Futuro” ganhou um significado especial dada a sua localização, marcada tanto pelo isolamento e desafios de conectividade quanto por uma rica herança cultural e histórica. Este bairro, um encontro entre tradição e modernidade, enfrenta desafios singulares de integração e expressão. A comunidade frequentemente se vê em uma batalha para manter sua identidade e voz em meio a uma urbanização

acelerada que prioriza a especulação imobiliária em detrimento da história comunitária e da qualidade de vida dos cidadãos.

Dentro deste contexto, um grupo de jovens mulheres residentes emergiu como protagonistas. Elas, imbuídas das experiências vividas em sua comunidade e suas heranças majoritariamente cabo-verdianas, foram encorajadas a transcender o pensamento convencional. Inicialmente hesitantes, muitas dessas jovens buscaram refúgio em seus telemóveis, portais para realidades alternativas. Contudo, com o avançar da iniciativa, aquele encontro transformou-se em um refúgio seguro para a expressão.

A atividade “Árvore da Vida” proporcionou um espaço para reflexão sobre suas raízes, valores e objetivos, em um bairro onde o passado histórico se entrelaça com a modernidade, mas ainda enfrenta desafios de

conectividade física. Este exercício revelou-se particularmente significativo no Bairro do Rego, espelhando a essência do local: um lugar onde as histórias pessoais são moldadas tanto pela rica tradição local quanto pelas provocações contemporâneas.

O principal desafio foi estabelecer a cultura como um meio de fomentar empatia, mostrando a este grupo de mulheres como as diversas formas de expressão cultural podem ampliar horizontes e promover a manifestação e o respeito mútuo. A música emergiu como um elo crucial, permitindo que elas assumissem o controle da caixa de som e, conseqüentemente, das narrativas que moldam suas realidades.

Encerrando o evento, a atividade “Caminhando Juntos: O Mural dos Sonhos Coletivos” representou um momento culminante. Nesta fase, os jovens foram incentivados a mapear os desafios e recursos da comunidade, criando um panorama visual e interativo dos problemas enfrentados e das potencialidades existentes.

Compreender a realidade de uma escola que parece reprimir mais o potencial dos alunos do que incentivá-los a mudar a realidade que os aguarda é um desafio complexo. Por isso, a atividade “Mural dos Sonhos Coletivos” teve um impacto profundo e positivo. Foi inspirador ver que, ao expressarem sua crença na mudança, essas jovens nutriam a esperança de que é possível construir um mundo melhor. Este momento não apenas destacou as dificuldades enfrentadas por elas, mas também reforçou a importância de ouvir e agir em prol das vozes dos jovens, especialmente em contextos educacionais que deveriam

ser catalisadores de crescimento e transformação.

Este mural tornou-se um espaço de expressão coletiva, onde sonhos e aspirações foram compartilhados, visualizados e entrelaçados, formando um mosaico de esperanças. Representou uma oportunidade para que as vozes individuais se unissem em um coro de ambições coletivas, refletindo não apenas os desejos pessoais, mas também um compromisso compartilhado com o bem-estar e o progresso da comunidade.

No encontro no Bairro do Rego, as jovens encontraram um local não só para serem ouvidas, mas também para reconhecer e valorizar suas próprias histórias e identidades, refletindo a diversidade e a resiliência da comunidade, apesar dos desafios de isolamento e conectividade. A proposta “Cultivar Ideias e Semear o Futuro”, com suas variadas atividades, tornou-se um poderoso instrumento de empoderamento e transformação social, reafirmando a importância da cultura e da expressão coletiva na construção de um futuro mais inclusivo e conectado

No Intendente, um marco histórico e cultural de Lisboa, a iniciativa “Tecendo Redes de Colaboração e Impacto” adquiriu um significado ainda mais profundo. Este bairro, transformado de uma área marcada por desafios sociais em um vibrante centro de diversidade e cultura, é um testemunho da capacidade de regeneração urbana que busca respeitar e preservar o patrimônio cultural e histórico da cidade (embora também já demonstra a faceta da gentrificação que ocupa aquilo que foi requalificado, expulsando do lugar quem o refez).



A atividade no Intendente, com a maior participação e diversidade de público, fez emergir reflexões sobre questões relacionadas à ideia de centro-periferia e como a localização na cidade define a intensidade de fluxo de pessoas e as implicações deste contexto.

Isto porque, apesar do Intendente também ter sua estigmatização e refletir vulnerabilidades sociais complexas, a sua localização central em Lisboa favorece o acesso de pessoas de diversas origens e contextos sociais.

A atividade “Conhecendo Nossos Superpoderes” proporcionou aos jovens e ao público a oportunidade de explorar e valorizar suas habilidades únicas, fomentando a autoconfiança e o reconhecimento das potencialidades individuais e coletivas.

O INTENDENTE, AGORA CONHECIDO POR SUA EFERVESCÊNCIA CULTURAL, OFERECIU UM CENÁRIO IDEAL PARA ESSA DESCOBERTA E RECONHECIMENTO.

O “Crachá do Pensamento” criou um espaço para reflexão e debate sobre as questões emergentes nas atividades do Bairro do Rego, com foco na desconexão entre a escola e os alunos. Esta fase do projeto proporcionou a um grupo de mulheres notáveis do Rego a oportunidade de conceber e estruturar a ideia de uma escola que atendesse às suas expectativas e necessidades, incentivando o diálogo construtivo sobre como a educação pode ser um vetor para transformações sociais mais profundas e estruturais.



© Pedro Oliveira/Gerador



© Guilherme Costa/Gerador

Neste encontro significativo, o grupo de jovens mulheres, todas com raízes familiares em Cabo Verde, articulou um desconforto partilhado: a percepção da instituição educacional como um ambiente restritivo, desprovido de liberdade, escuta ativa e espaço para contestações e questionamentos. Para elas, a escola se transformou em um local onde o aprendizado é mais uma obrigação do que uma jornada de descoberta, e onde suas vozes ativas são vistas não como contribuições valiosas, mas como potenciais ameaças à sua permanência ou sobrevivência no sistema educacional.

Este dia, em particular, foi marcado por uma emoção palpável, à medida que se permitiram expressar e questionar o modelo educacional em que estão inseridas. As críticas abrangiam desde a qualidade da merenda escolar até o distanciamento de professores

«
PARA ELAS, A ESCOLA SE TRANSFORMOU EM UM LOCAL ONDE O APRENDIZADO É MAIS UMA OBRIGAÇÃO DO QUE UMA JORNADA DE DESCOBERTA, E ONDE SUAS VOZES ATIVAS SÃO VISTAS NÃO COMO CONTRIBUIÇÕES VALIOSAS, MAS COMO POTENCIAIS AMEAÇAS À SUA PERMANÊNCIA OU SOBREVIVÊNCIA NO SISTEMA EDUCACIONAL
»

mais empáticos com os alunos. Em um momento revelador, recebemos um apelo comovente, escrito em um pedaço de papel rasgado: um pedido para que falássemos em nome delas na escola.



© Guilherme Costa/Gerador

Por fim, Marvila; um bairro de Lisboa com uma história rica e diversificada, e que tem sido palco de uma transformação notável. Uma vez marcado por uma intensa atividade industrial e operária, Marvila evoluiu para um espaço de contrastes onde o passado e o presente coexistem. Este bairro, que celebra a sua história enquanto abraça a modernidade, ofereceu o cenário perfeito para a iniciativa “Realizando Sonhos e Celebrando a Transformação”, que desta vez contou com a participação mais ativa de familiares dos jovens envolvidos no projeto.

Foi marcante a presença da família do Joaquim, um dos participantes mais ativos do projeto, e, um dos poucos que esteve presente em todas as atividades. Marcante não só pela postura ativa que adotaram face ao

que foi proposto, mas também por ter sido possível presenciar como este tipo de iniciativa ultrapassa as fronteiras do próprio projeto, gerando impacto nas comunidades através dos jovens envolvidos.

As atividades propostas em Marvila (“Caça ao Tesouro do Conhecimento”, “Notícias do Futuro” e a “Cápsula do Tempo”) criaram um espaço de debates sobre a inovação e o futuro, estimulando a criatividade, o pensamento crítico e a curiosidade dos jovens tendo em vista o que eles desejam para tempos vindouros em sociedade.

A “Caça ao Tesouro do Conhecimento” não foi apenas uma atividade lúdica, mas também uma jornada de descoberta e aprendizado sobre sustentabilidade e diversidade,

temas essenciais para um bairro que testemunhou tanto a decadência industrial quanto o surgimento de novos espaços urbanos e culturais. Da mesma forma, a atividade “Notícias do Futuro” permitiu que os jovens debatessem e criassem cenários futurísticos, incentivando-os a pensar criticamente sobre o mundo que os rodeia e sobre como podem moldá-lo. A “Cápsula do Tempo”, por sua vez, ofereceu um meio para que expressassem suas esperanças e visões para o futuro, encapsulando mensagens e criações artísticas que refletem seus desejos e aspirações.

Essas atividades em Marvila exemplificam como a cultura pode ser um catalisador para a mudança social e o desenvolvimento pessoal. Ao proporcionar aos jovens ferramentas para explorar, questionar e imaginar, essas iniciativas não apenas

enriquecem suas vidas pessoais, mas também os incentivam a serem agentes ativos na construção de um futuro mais justo, sustentável e inclusivo.

EM UM BAIRRO QUE JÁ ENFRENTOU DESAFIOS SOCIAIS E ECONÔMICOS, MAS QUE AGORA SE DESTACA POR SUA RESILIÊNCIA E CAPACIDADE DE REINVENÇÃO, OS JOVENS ENCONTRARAM UM TERRENO FÉRTIL PARA O DESENVOLVIMENTO DE SUAS HABILIDADES E PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA COMUNIDADE MAIS FORTE E COESA.



© Guilherme Costa/Gerador

No bairro de Marvila, a iniciativa “Realizando Sonhos e Celebrando a Transformação” proporcionou aos jovens um espaço para explorar inovações sustentáveis e expressar suas esperanças e visões para o futuro. Marvila, um bairro com uma história rica e diversificada, ofereceu o cenário perfeito para esta iniciativa, que contou com a participação ativa de familiares dos jovens envolvidos.

As atividades em Marvila proporcionaram aos jovens a oportunidade de explorar suas identidades, expressar suas emoções e experiências, e encontrar sentido e conexão em um mundo muitas vezes fragmentado. E, a partir desse compartilhamento, ousar sonhar com um futuro com novas possibilidades e perspectivas diferentes.

© Guilherme Costa/Gerador



Diante da pluralidade de experiências proporcionadas pelo projeto D’Improvisto nos bairros de Lisboa, a conclusão emerge como um testemunho da capacidade transformadora da cultura.

A JORNADA ENTRE SONHOS E REALIDADE REVELOU NÃO APENAS AS COMPLEXIDADES E DESAFIOS PRESENTES NAS COMUNIDADES, MAS TAMBÉM A FORÇA DA EXPRESSÃO CULTURAL COMO UM CATALISADOR PARA MUDANÇAS SIGNIFICATIVAS.

Ao longo das atividades na Alta de Lisboa, no Bairro do Rego, no Intendente e em Marvila, entendemos a cultura como um veículo poderoso para a expressão, a conexão e a compreensão mútua. Os participantes compartilharam suas histórias, e viram valorizadas as suas próprias identidades e a força de suas vozes.

Nestes encontros, estimulou-se a criação de espaços seguros onde os jovens pudessem desafiar estigmas, fortalecer a autoestima e moldar narrativas para moldar um futuro mais diverso.



© Pedro Oliveira/Gerador

«
AO REFLETIR SOBRE RAÍZES, CONTAR HISTÓRIAS, CULTIVAR IDEIAS E REALIZAR SONHOS, OS PARTICIPANTES CONSTRUÍRAM PONTES PARA UM FUTURO MAIS INCLUSIVO E CONECTADO
»

Cuidadosamente planejadas em cada bairro, as atividades não foram apenas momentos isolados, mas elos em uma corrente contínua de transformação. Ao refletir sobre raízes, contar histórias, cultivar ideias e realizar sonhos, os participantes construíram pontes para um futuro mais inclusivo e conectado.

Por fim, percebemos a cultura como uma força vital que molda, desafia e enriquece nossas vidas. Ela é um pilar fundamental, sendo um espelho da sociedade, um meio de promover a empatia e a compreensão, um instrumento de mudança social e um veículo para o desenvolvimento pessoal. Investir na cultura é investir no futuro, na transformação e no bem-estar de indivíduos e comunidades. As experiências descritas demonstram a importância da escuta ativa e da ação informada e consciente na resolução de questões comunitárias, sublinhando o poder de colaboração e o senso de coletividade na construção de um mundo mais justo, compreensivo e vibrante.

TEXTO DE ENCERRAMENTO

**POR CARLOS MARTINS,
PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO SONS DA LUSOFONIA**

Um projecto desenhado para ser executado em três anos não pode ser realizado plenamente em metade do tempo. Foi isso que aconteceu com o projecto D'Improviso que passou quase um ano e meio abaixo da inatividade presencial provocada pela pandemia Covid 19. E mesmo que o nosso trabalho na cultura seja o de continuamente mitigar riscos, a situação criada pela pandemia foi extrema e proibitiva de soluções que pudessem incluir actividades presenciais que eram a base dos nossos programas. Mesmo assim conseguimos trabalhar na construção de alternativas funcionais, ágeis e sustentáveis como ficou demonstrado na introdução deste bloco de notas sobre o trabalho realizado.

Porque o que interessa em qualquer projeto sociocultural é que produza efectivo acesso à cultura e sempre que possível acesso a uma profissão dentro da área por parte dos jovens que de forma determinada têm a coragem de seguir este caminho. Só assim se complementam as necessidades de fruição cultural para o bem-estar das pessoas e a necessidade de integrar um mercado de trabalho que sustente a necessidade de viver com o outro através da curiosidade, da generosidade e das práticas criativas. Mas antes de iniciarmos este processo duplo em paralelo é necessário promover uma série de ações culturais num ambiente social determinado que

declare sem equívocos os benefícios da cultura para a saúde pública e para a sustentabilidade da sociedade como um todo, em que se incluem ações que beneficiem as diferentes ecologias deste sistema planetário onde vivemos.

O projeto que propusemos era exatamente esse primeiro estágio de promoção de diálogos, artísticos e não-artísticos, de improvisos e de encontros onde pudéssemos todos sentir a liberdade, a espontaneidade e a generosidade que se praticam por exemplo na música improvisada.

Temos de nos questionar agora, no fim deste tempo inicial, quantos jovens e adultos acederam, através das nossas iniciativas, à cultura. É certo que embora os números que temos sejam muito positivos, gostaríamos que fossem mais expressivos do que são tendo em conta que vivemos a uma velocidade vertiginosa e paradoxalmente num clima de afastamento. Mas também vivemos ao longo do projecto um crescimento das desigualdades e vimos aumentar a exclusão social debaixo de uma pandemia que nos impediu de trabalhar presencialmente em quase dois dos primeiros anos, dos três que tínhamos pela frente. Mas temos também que nos questionar, neste e noutros projetos, quantos jovens como aqueles a quem nos dirigimos, geralmente em situação precária, têm acesso ao mercado de trabalho na

mesma área de ação. São muito poucos e esse facto coloca-nos a questão essencial: são mesmo os destinatários finais os grandes beneficiários destes programas. A resposta parece paradoxalmente óbvia: são-no, durante a duração dos projectos, e não o são porque depois da conclusão destes não têm saídas profissionais dignas de registo ou de destaque que atestem a assertividade dos programas. Isto põe-nos um problema grave de sustentabilidade e da boa intenção destes programas europeus e doutros nacionais. Muitas vezes perpetuam-se as mesmas pessoas de um certo nível sociocultural no lugar que deveria ser dado a outros que lutam e desistem por aceder a esses lugares de trabalho e de decisão. E esta situação criada por nós mesmos afasta gradualmente dos centros de decisão aqueles a quem se deveriam destinar os programas e torna mais estéril o envolvimento das comunidades que acolhem e sustentam com muito sacrifício essas pessoas a quem nos dirigimos. Sem esse apoio da família e da comunidade não podemos contar que as pessoas desfavorecidas encontrem forças para ultrapassar as inúmeras barreiras que têm pela frente. Portanto é também nossa responsabilidade usar a maior liberdade, descomplexificação e anos de trabalho consecutivos para fomentar a credibilidade e a honorabilidade dos programas que desenhamos. Mas se os organismos que apoiam estes programas não se desburocratizarem e puserem regularmente entraves às aberturas necessárias para que os destinatários finais (e não só nos números de empregos criados nas estruturas para encher estatísticas) sejam objectivamente o centro das iniciativas, confiando nas pessoas

a quem nos dirigimos e nas suas comunidades, então pouco poderemos mudar. E este é um sério problema dos fundos europeus e da sua transposição e gestão para os organismos nacionais. Regras cegas e a dificuldade de transposição das mesmas tendo em conta a realidade local ou regional, sem violar a lei e sem adaptações humanizadas, não são boas para projectos socioculturais. Servirão certamente para projectos de outros géneros mais virados para a quantidade e para o lucro. Este facto foi sentido por todos nós durante a pandemia e a CCDD-LVT, por causa de regras impostas pela UE, não pôde esboçar qualquer esforço de adaptação que permitisse aos projectos nacionais uma maior adequação à pandemia. Apesar dos entraves, queremos realçar a colaboração pronta por parte da equipa da CCDD-LVT, na pessoa da Dra. Margarida Gouveia e da Presidente Dra. Teresa Carmo, estranhamente as únicas duas pessoas desta equipa afetas a estes projectos. Mas foi também graças aos vários contactos com a Sra. Presidente Dra. Teresa Almeida, que conseguimos mitigar alguns problemas que poderiam pôr em causa a execução dos programas nomeadamente por razões financeiras e alguns atrasos na análise dos relatórios intercalares.

Por outro lado, a mediação feita pela DLBC Lisboa foi essencial para a agilização dos contactos com CCDD e a rede de parceiros locais. Foi também muito importante para nós ter uma resposta pronta, muitas vezes solicitada, da parte dos responsáveis da DLBC para questões emergentes e urgentes que se puseram durante a implementação dos programas nos territórios.

UM OLHAR SOBRE OS TERRITÓRIOS

Além da falta de cultura geral, ou seja, falta de leitura e de pensamento autónomo ou crítico sobre a própria cultura, as artes e as expressões notámos uma grande falta de conhecimentos técnicos ou de produção que limita em certa medida a fruição cultural e a experiência performativa entre os destinatários dos nossos programas. Embora o talento esteja presente, tem dificuldades em encontrar o à-vontade para se exprimir nas suas várias expressões. As pessoas das diferentes periferias, mesmo as do centro, que conseguem ultrapassar estas limitações são mesmo pessoas excepcionais.

O principal problema do acesso é a falta de meios e uma contínua ausência de oportunidades ao longo do caminho desde a infância até ao mercado de trabalho. A pobreza do núcleo familiar e comunitário é um entrave extraordinariamente grave. Como as políticas públicas beneficiam maioritariamente os privilegiados, que geralmente são os brancos mainstream, desde logo pela monitorização do gosto e pelo preconceito da pré-assumpção de um suposto futuro potencial, as pessoas marginalizadas não conseguem garantir e depois manter um nível de actividade cultural que lhes permita ter as ferramentas necessárias para uma cidadania mais completa e principalmente mais interventiva. As várias ecologias humanas e naturais são interdependentes e não é possível dissociar as questões de acesso à arte

e à cultura de uma vida digna, amiga do outro e da natureza e capaz de pegar em desafios tornando-os oportunidades.

A falta de condições de saúde, mental, física, espiritual, etc, provocadas por várias carências custam muito mais à sociedade do que a educação e a cultura que os decisores teimam em deixar para um plano demasiado baixo para terem expressão nas políticas orçamentais ou de bem-estar.

Por um lado, e isso pode ser positivo, os processos criativos das pessoas que não fazem parte do processo regular dos apoios à cultura estão isentos do preconceito cultural da moda e por isso podem ser mais genuínos e menos normalizados. Mas sem ferramentas e sem instrumentos, sem palco, sem condições, quem pode expressar a sua qualidade? E onde podem expressar o seu talento de forma a ser notado e a deixar de pertencer ao grupo cada vez maior de pessoas e comunidades que sofrem do problema da invisibilidade, contrária à necessidade de exposição das suas artes e talentos?

Se por um lado há instituições que visam impulsionar o trabalho dos jovens, nosso público-alvo, muitas delas partem ainda da ideia assistencialista para dar aos jovens algum tempo de qualidade sem, contudo, os conseguirem tirar da normalidade repetida de vidas sem acesso à fruição e aos bens culturais, pelo menos de forma sustentada. Faltam definitivamente instituições que juntem na sua base um trabalho social e cultural, andando lado a lado durante um longo período, para que possam acompanhar, aconselhar e libertar os jovens dos ciclos rotineiros estéreis, para finalmente os ajudar a


integrar o mercado de trabalho ou a dar-lhes competências que lhes permita melhor cidadania.

Algum trabalho tem sido feito nesta área de forma mais consciente, mas o problema perpetua-se devido a fatores relacionados com a pobreza e a mobilidade ou o crescente racismo e os vários níveis de discriminação.

Apesar de tudo, alguns jovens artistas “periféricos” têm alcançado algum sucesso nas suas carreiras musicais, que é a área que conhecemos melhor e que era a sustentação dos nossos programas. E isso é bom. Mas não sei se as editoras e promotores querem mesmo saber do futuro destes jovens ou se aproveitam a onda de sucesso para ganhar mais algum dinheiro com eles. Se todos ganharem isso não é mau. Por outro lado, só se entra para certas editoras se a música tiver os tiques comerciais do momento. É uma estrada de sentido único e nem todos conseguem encontrar o caminho para sair dela. Pensamos que os potenciais artistas, de que aqui falamos, se tivessem a preparação antes mencionada, poderiam criar as suas próprias editoras e produtoras e assim conseguir entrar na rede de promoção tomando em mãos o seu destino. Mesmo assim, todos nós precisamos sempre de ajuda. Não é só o Youtube e as visualizações online que garantem a continuidade dos projectos, é necessário mais e melhores estratégias, mais sustentadas na proximidade e na escuta das artes e dos discursos. Discursos fora do mainstream que parecem ainda envergonhar uma parte dos consumidores que preferem tudo o que lhes é dado já esterilizado para não terem que refletir sobre o mundo à volta.

Por isso pensamos que deveria haver algum tipo de estrutura, formada por um grupo de organismos e pessoas, enraizadas nos bairros e nas comunidades, mas em comunicação com estruturas de poder, que agenciasse e promovesse jovens sem privilégios, que tivessem afinidades artísticas e comprovado talento. É necessário ainda ter em conta que esta é uma questão que depende também do tipo de música ou de arte que se quer fazer tanto ou mais do que do bairro, da cultura ou da região de onde se vem.

Essa estrutura/rede poderia ajudar a estabelecer contactos, cruzamentos, encontros (nacionais e internacionais) e outras formas de visibilização que ajudassem a criar as condições para aparecer nos vários mercados e nas várias plataformas de visibilidade. Convém lembrar que para esses jovens há uma dupla periferia: por um lado são periféricos localmente dentro do nosso País que é periférico dentro da Europa. Esta dupla falta de centralidade só pode ser combatida com uma organização ímpar e consequente. Os artistas terão que se organizar para fazerem pressão e lobby sobre as estruturas com capacidade de decisão. Na grande jornada da humanidade ganham aqueles que se juntam e organizam, nem sempre com bons motivos, mas são mais livres e mais disruptivos os que sabem equilibrar a relação entre a sua personalidade e o colectivo a partir das suas origens culturais e sabem que a tradição e a cultura a ela associada é o grande apoio na altura de correr riscos. Organização e apoio é o que falta inevitavelmente porque o talento está aí à espera de se manifestar. Cuidar destas potenciais revelações é cuidar de nós enquanto pessoas, das comunidades, da cidade e do planeta.



A ASL conta em breve dar continuidade a este projecto actualizando a sua designação e principalmente o modelo de actividades de forma a manter os diferentes grupos com os quais trabalhámos ligados à nossa estrutura física e programática e a mantermo-nos em contacto com os bairros e comunidades que conhecemos ao longo do projecto. Este é um trabalho ininterrupto e que necessita que sejamos incansáveis na adaptação e reimplantação de programas para que possamos ter uma verdadeira arte-participativa na sua génese e para que possamos prestar um serviço público experimental, sem medo de correr riscos, baseado nos conceitos de liberdade, generosidade e respeito pelo outro. O caminho da co-criação e do envolvimento democrático dos parceiros ou redes de trabalho é fulcral para redesenhar processos participativos permeáveis essenciais ao trabalho sociocultural que permita uma abordagem às áreas sociais e culturais como uma unidade de trabalho para o bem-estar das comunidades e das pessoas que querem ser incluídas na preparação e na concretização de um mundo melhor, menos apressado e mais humano.

FICHA TÉCNICA

D'IMPROVISO

CONCEÇÃO E DIREÇÃO ARTÍSTICA:

Carlos Martins

COLABORADORES:

Carla Patrícia Godinho, Catarina Fernandes, Cristiana Morais, Inês Lobo, Lia Mei, Luís Matos, Margaux Bélanger e Nadine Saize.

LISTA DE PARTICIPANTES:

Afonso Afrolinário, Afonso Costa, Afonso Neves, Alessandro Leone, Alice da Costa Silva, Alicia da Silva Pinto, Alberto Figueiredo, Aman Eshan, Ana, Ana Carolina Januário Crespo, Ana Lúcia Água, Ana Vicente, Ana Azeredo, Anaísa, André, André Amorim, André Miguel Pereira da Conceição, Angela Papa, Ari Monteiro, Aurora Sampaio Durães, Beátriz Sebastião, Bruna Raquel, Carla Ferreira, Carla Luís, Carlo Guadagno, Carlos, Carlos Gil, Catarina, Catarina Monteiro Cabral, Christopher José Gonçalves, Daniela Sofia Faria Velloso, Dario, Derman Gulmez Aydin, Diana Cristina Ribeiro Pinto, Diana Vilas Boas Malheiro, Doug Martins, Duarte Pires, Edson Nascimento, Eduardo Misael Ribeiro Pinto, Eduardo Reis, Eliana Sofia Mendes Rodrigues, Érica Sanches Araújo, Fanny Cloarec, Fatish Kamara, Fazel Sapand, Fernando Queiroz, Filipe Costa, Francisca Mota de Sá, Francisco Ladeira, Francisco Viegas, Frederico Marçal, Gabriel Alexandre Bonifácio Silva, Gaspar Menezes, Gerusa Roberta Martinella de Almeida, Ghulam Haidar Azmi, Glória Olmedo Muñoz, Hector Marquez, Henrique Fialho, Hugo Vilela, Huma Rahimi, Isaac Silva, Isabel Maria Barbosa Cambao, Inês Monteiro de Sousa, Joabe Montes, Joana Almeida, Joana Dias, João Francisco, João Matos, João Moutinho Igreja, Joaquim Luís Escudeiro Lourinho, Jonatan, José Lima, Josyane Eduarda O. Pina, Joyce, Laura Marolla, Leonor Afonso, Leonor Monteiro Gonçalves, Lídia, Lisana Raissa Ribeiro Pinto, Lorianas Paredes, Lourenço Fialho, Lucía Echagve, Lurdes Mourão, Manuel Núñez Mantas, Márcio Saraiva, Margarida Cruz Rodrigues, Margaritta Sharapova, Maria Martins, Maria Sabatini, Mariana Gonçalves, Martin Alexandre Lareira

Freitas, Martin Craviotto, Mateus Figueiredo Silva, Maxime Frampier, Melanie Araújo, Melaina Bernes, Melissa, Miguel Azeredo, Miguel Lourenço, Miguel Pequeto, Mohammad Aman Ehsan, Mohammad Kazem Azame, Nair, Nathalie Brunetti, Oriana Vasquez, Oscar Reinoso, Paul Sapin, Pedro, Pedro Almeida, Pedro Cisneiro Lourenço, Pedro Marques, Pedro Miguel Carneiro, Peter Williams, Rafael, Raissa Fabiana Rodrigues Fernandes, Ricardo Lopes Gomes, Rita Maria Gonçalves Cruz, Rodrigo, Salimany Tondela, Salomé Carvalho Verde, Santiago Silva, Samuel Valente Silva, Samy Zeghmat, Sara Rodrigues, Sayed Jamaliddin Hashemi, Sofia Vicente Pereira, Sónia Gomes Costa, Stefania Romeo, Sunil Khanna, Tara Muñoz, Tiago Rodrigues, Tomás Dantos, Tomás Núñez Mantas, Vânio Isidoro Mendes Cardoso (Belo), Vasco, Vitória Lucena, Wahudullah Amiri, Wilson Marques.

PARCEIROS:

Associação BaticAmigo, Associação Escolhas uma missão para a cidade, Associação Espaço Mundo, Associação Mén Non – Associação das Mulheres de S. Tomé e Príncipe em Portugal, Associação de Residentes da Alta de Lisboa, Associação de Moradores do Bairro Padre Cruz, Associação de Moradores do PER11, Associação Passa Sabi, Boutique da Cultura – Associação Cultural Sem Fins Lucrativos, Câmara Municipal de Lisboa (Biblioteca de Marvila), Escola Artística do Conservatório Nacional, SOU LARGO Cooperativa (Largo Residências), Livraria de Fundos AS (Casa do Comum), Locals Approach, Paramédicos de Catástrofe Internacional – PCI, Teatro Umano – Associação Cultural Sem Fins Lucrativos.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS:

Alexandre Guimarães, André Crespo, André Fernandes, Ana Paula Guelfi, Augusto Pedrosa, Beatriz Cristóvão, Débora King, Diogo Santos, Eduardo Lála, Francisca Fernandes, Francisco Rebelo, Guto Pires, Henrique Pinto, Hugo Menezes, Iúri Oliveira, Jery Bidan, Juan Eduardo Riva, Leonardo Miranda, Luciano Santos, Mateja Dolsak, Miguel Gomes, Nuno Macedo, Paulo Nascimento Morais, Rafael Martins, Ricardo Rosas, Rebeca Cavaco e Valet.

PRODUÇÃO



COFINANCIAMENTO



PARCEIROS

